

AS CIÊNCIAS SOCIAIS E AS TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: RELAÇÕES A PARTIR DO PENSAMENTO COMPLEXO

*THE SOCIAL SCIENCES AND THE THEORIES OF IN-
TERNATIONAL RELATIONS: RELATIONS FROM COM-
PLEX THINKING*

Francisco Cuogo¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente artigo desenvolve uma análise acerca das teorias das Relações Internacionais, sugerindo que as teorias pós-positivistas emergiram com sucesso, no último quarto do século XX, por causa das transformações ocorridas no campo das Ciências Sociais. Mais especificamente, aponto que o destaque dado à Teoria da Complexidade e às ideias oriundas do Pensamento Complexo, que fortemente impactaram os campos científicos e educacionais naquele período, foram também responsáveis pelo avanço do campo teórico pós-positivista nas Relações Internacionais. Para desenvolver essa hipótese organizo o artigo em três partes. Na primeira, discorro acerca da relação entre as Ciências Sociais e as Relações Internacionais, abordando a influência do pensamento complexo nas ciências. Na segunda, contextualizo a Teoria da Complexidade através de três principais autores, quais sejam: Capra, Morin e Maturana. E, ainda, relaciono o campo das Relações Internacionais com o Pensamento Complexo. Na terceira parte justifico como as abordagens pós-positivistas das Relações Internacionais estão em congruência com as transformações que afetaram o mundo ocidental a partir do o último quarto do século XX, quando, também, emergiram abordagens epistêmicas e metodológicas que sustentavam a compreensão dos fenômenos da sociedade contemporânea a partir de um olhar sistêmico e complexo – e não segundo a lógica cartesiana até então predominante nas teorias das ciências sociais. E, assim, evidencio que a multidisciplinaridade do campo das Relações Internacionais encontra no paradigma da complexidade um fundamento profícuo para a formulação de suas teorias e para a construção de suas análises científicas.

¹ Licenciado em História (Unijuí – Ijuí/Brasil), mestre em Ciências Sociais (Unisinos – São Leopoldo/Brasil) e doutorando no Programa de Estudos Estratégico Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil)

Palavras-chave

Teorias das Relações Internacionais. Complexidade. Teorias pós-positivistas. Abordagem Sistemática.

Abstract

This article analyzes the theories of International Relations, suggesting that post-positivist theories emerged successfully in the last quarter of the twentieth century because of transformations in the field of Social Sciences. More specifically, I point out that the emphasis given to Complexity Theory and to ideas originating from Complex Thought, which strongly impacted the scientific and educational fields at that time, were also responsible for the advance of the post-positivist theoretical field in International Relations. In order to develop this hypothesis I organize the article into three parts. In the first one, I discuss the relationship between Social Sciences and International Relations, addressing the influence of complex thinking in the sciences. In the second, I contextualize the Theory of Complexity through three main authors, namely: Capra, Morin and Maturana. And yet, I relate the field of International Relations with Complex Thought. In the third part I justify how the post-positivist approaches of International Relations are in congruence with the transformations that affected the Western world from the last quarter of the twentieth century, when, also, epistemic and methodological approaches emerged that supported the understanding of the phenomena of the contemporary society from a systemic and complex view - and not according to the Cartesian logic that until then prevailed in theories of the social sciences. And thus, I show that the multidisciplinary of the field of International Relations finds in the paradigm of complexity a useful foundation for the formulation of its theories and for the construction of its scientific analyzes.

Keywords

Theories of International Relations. Complexity. Post-positivist theories. Systemic Approach.

1. INTRODUÇÃO

As teorias das Relações Internacionais (RI) possuem uma forte relação com abordagens das Ciências Sociais (CS), especialmente com os campos da ciência política e da sociologia. Embora os autores destas duas áreas tenham construído seus aportes teóricos voltados, mais especificamente, para seus objetos de estudo (isto é, os Estados e as sociedades), os teóricos das RI absorveram, de maneira expressiva, ideias e pressupostos daquelas áreas adaptando seu constructo teórico para os estudos das Relações Internacionais. Por exemplo, o idealismo e o liberalismo, nas RI, apresentam fundamentos que foram originalmente

debatidos na filosofia e na economia; as perspectivas da teoria da interdependência, de Keohane e Nye (1987), tiveram influência de algumas ideias sugeridas por Tofler (1995) cujo escopo de estudos não era nem a política e nem as relações internacionais, mas, as transformações sociais e com destaque para os impactos provocados pela revolução tecnológica; as teorias críticas buscaram no marxismo ideias cujo próprio Marx havia construído a partir da filosofia e da sociologia econômica e que, na sua constituição inicial, não tinha um direcionamento direto para as Relações Internacionais. O pós-modernismo, o feminismo e o pós-colonialismo são também exemplos de teorias e abordagens que surgiram nas Ciências Sociais, alargaram seus pressupostos para o campo da sociologia e da antropologia e, posteriormente, foram absorvidas no campo das Relações Internacionais, contribuindo na formulação das teorias pós-positivistas.

Visto que o propósito do artigo não é descrever a origem de cada teoria, não cabe aqui elucidar em que grau de interação se deram as influências das teorias sociais nas teorias das Relações Internacionais. Mas, já sabendo que existe essa relação, sugiro que um certo corpo teórico das RI - ou seja, as teorias pós-positivistas - nasceram exatamente em um momento histórico e social em que as ciências também passavam por mudanças mais radicais e por transformação de paradigmas. Dessa forma, evidencia-se a estreita relação entre as Ciências Sociais e as Relações Internacionais através da contribuição da CS na formulação das teorias de RI.

Assim, abordo primeiramente acerca de mudanças ocorridas no campo das ciências, na segunda metade do século XX, quando os autores da teoria da complexidade sugeriram a necessidade de um olhar sistêmico, não pragmático e não linear para a construção do conhecimento científico. Tais ideias foram disseminadas pelos diversos campos das Ciências Sociais, com especial destaque para as suas três principais áreas de estudo: sociologia, antropologia e ciência política. Essa proposta provocou

uma mudança de paradigmas na construção do conhecimento científico, visto que abalava a influência cartesiana - até então dominante nas ciências - e defendia a necessidade de se compreender o todo e não apenas as partes.

As teorias das RI, ao absorverem as propostas epistemológicas das ciências sociais, também sofreram influência das ideias da complexidade. E, assim defendo que a emergência do pensamento complexo e da abordagem sistêmica contribuiu na formulação do quadro teórico que compreende, mais especificamente, as teorias pós-positivistas das Relações Internacionais. Por isso, início com uma descrição acerca da Teoria Geral dos Sistemas (TGS), proposta pelo biólogo alemão Karl Ludwig von Bertalanffy (1901 - 1972) e relaciono essa teoria com o pensamento complexo de Capra (2006) e com as propostas do olhar sistêmico de Maturana (2002) e Morin (2006). Em seguida, abordo o cenário do último quarto do século XX, quando as propostas desses autores começaram a ganhar destaque.

Além disso, sugiro que o próprio cenário político, econômico, social e cultural daquele período estava em intensa transformação, propiciando uma relação compatível entre as propostas do pensamento complexo e da abordagem sistêmica com realidade social. Por fim, aponto como teorias pós-positivistas das relações internacionais se harmonizam com o pensamento complexo no campo das RI.

2. A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS E O PENSAMENTO COMPLEXO

A Teoria Geral dos Sistemas propunha-se a uma investigação orgânica dos fenômenos, contrapondo a visão do paradigma clássico das ciências, cujo olhar cartesiano enxergava o mundo e seus fenômenos divididos em diferentes áreas. A TGS, que embora construída, inicialmente, no campo da biologia, foi absorvida por diversas outras áreas do conhecimento, considera que os organismos são um todo maior que a soma das suas partes.

Segundo Capra (2006, p.40), “embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes”. Por isso, é necessário estudar os sistemas globalmente, visando a compreensão de todas as suas interdependências, visto que a convergência dos elementos constitui uma unidade funcional maior, que não seria percebida na observação isolada dos componentes.

A proposta de um novo olhar na construção do conhecimento, a partir de uma abordagem sistêmica, contribuiu para a concepção dos saberes de forma orgânica. E a teoria dos sistemas impulsionou a formulação de novos conceitos e hipóteses que buscavam entender as estruturas e os processos dos sistemas a partir de suas complexidades. Logo, autores como Morin (2006), Capra (2006) e Maturana (2002) desenvolveram teorias que se harmonizam com os estudos da complexidade, pois, ao invés de reduzirem a compreensão dos fenômenos aos pressupostos clássicos da ciência - cuja inclinação pairava na lógica positivista e no olhar cartesiano -, reconheciam que os sistemas (vivos e não vivos) evoluíam e se organizavam em diferentes níveis de complexidade.

Tanto a teoria sistêmica quanto os estudos relacionados ao pensamento complexo (Morin, 2006; Capra, 2005) procuram olhar para a inter-relação das partes, defendendo que a multidisciplinaridade é essencial para a compreensão dos complexos problemas que as sociedades contemporâneas enfrentam, de forma que, apenas, um olhar não-cartesiano pode resultar em análises minimamente satisfatórias de tais complexidades. Por isso, para uma melhor compreensão desses sistemas seria necessário olhar para as interconexões que formam uma complexa teia de relações "no qual conexões de diferentes tipos se alternam, se sobrepõem ou se combinam e, por meio disso, determinam a textura do todo" (Capra, 2003: 42).

As Relações Internacionais (RI), por sua vez, apresentam, na contemporaneidade, características estruturais e metodológicas que coadunam com as peculiaridades da teoria sistêmica e do pensamento complexo, visto que elas almejam a análise e a compreensão sistemática do encadeamento de assuntos políticos, econômicos e sociais entre os atores do sistema internacional (Jackson & Sorensen, 2007). Para Bousquet e Curtis (2011, p. 43) “the concepts, language and methods of complexity theory have been slowly making their way into international relations”. Pois, o estudo das RI envolve relações complexas entre estados e instituições, exigindo análises em questões que transcendem as fronteiras dos países e debatem assuntos relacionados tanto à política externa quanto ao conjunto estrutural das interações entre os atores internacionais (Devin, 2010). E somente a partir do estabelecimento de conexões de diferentes assuntos e temáticas (que se sobrepõem e/ou se complementam) é possível determinar a dinâmica do todo que compõe o sistema internacional (SI).

As RI estabelecem relações e interações em assuntos diversificados, mas, também complexos, tais como soberania, segurança nacional, integração econômica, política externa, terrorismo, internacionalização do capital, globalização, migrações forçadas, direitos humanos etc. Além disso, tal como mencionamos anteriormente, as RI recorre à teorias de outros campos científicos para construir suas análises que percorrem aspectos relacionados com a Economia, História, Filosofia, Ciência Política, Direito Internacional, Sociologia etc. Logo, pode-se entender a necessidade de um corpo teórico variado e multidisciplinar para estudar as Relações Internacionais na contemporaneidade e, também, como o caminho metodológico a ser percorrido demanda um olhar sistêmico que enxergue o todo - e não apenas as partes.

A variedade de temáticas, tanto as transversais quanto as centrais, apresentam desafios para as investigações no campo das humanidades. Entretanto, a complexidade não obscurece e nem dificulta a construção do conhecimento humano e social. Pelo contrário, é através dela que se consegue entender a

heterogeneidade e a diversidade de relações que constituem a realidade política, econômica e social na contemporaneidade. Portanto, o pensamento complexo pode contribuir de maneira positiva nos estudos das Relações Internacionais, pois, suas bases não são formuladas a partir de um corpo unificado de teorias, mas, por um conjunto de ferramentas teóricas e conceituais com uma coerência e complementaridade definidas entre todos os seus elementos (Bousquet & Curtis, 2011).

E a complexidade, além de ser uma condição presente na sociedade atual, é uma premissa nos estudos das RI, pois, traz consigo mudanças paradigmáticas ao visar a compreensão dos fatos e fenômenos de maneira sistêmica. O entendimento a respeito das interações entre os atores que compõe o cenário internacional exige uma abordagem que enxergue, de maneira ampla, as diversas interações e as interconexões que delinham as relações políticas, econômicas e sociais entre os atores que constituem o cenário internacional, bem como contribuiu na percepção da interdependência entre as diversas áreas do conhecimento que acompanham os fenômenos globais.

No entanto, tal como Dunne, Hansen & Wight (2013, p. 406) afirmam, tem havido cada vez menos um “debate interteórico entre paradigmas” na construção de análise no campo das RI. Mas, também tem suscitado uma nova lógica analítica nas Relações Internacionais ao se considerar as perspectivas a partir de várias formas de pluralismo (Dunne, Hansen & Wight, 2013). Esta tende a ser uma condição favorável para o amadurecimento das Relações Internacionais enquanto disciplina e enquanto ciência. Pois, a construção de análises e abordagens investigativas que não seguem padrões lineares e pragmáticos (tal como propunham as teorias positivistas), apresentam metodologias mais condizentes com a complexidade do atual cenário de articulação das RI.

Por isso, mesmo sendo as Relações Internacionais uma área recente no campo das Ciências Sociais, cujos primeiros estudos científicos e sistematizados datam do pós-Primeira Guerra

Mundial, conferindo à disciplina pouco mais de um século de pesquisas, ela apresenta em seu cerne condições estruturais complexas. E se inter-relaciona, de maneira também complexa, com uma diversidade de campos científico e de objetos de estudo. Demandando, assim, um olhar multidisciplinar e interconexo com as diversas áreas que compõe a disciplina de relações internacionais. Por isso, justifica-se o estabelecimento de uma relação entre a Teoria Geral do Sistema, o Pensamento Complexo e as teorias das Relações Internacionais (com destaque para as teorias pós-positivistas).

2.1 O PARAGIMA DA COMPLEXIDADE

As relações sociopolíticas de cenário mundial do século XX, mais especificamente no seu último quartel, foram construídas através de relações de mútua interferência entre os indivíduos e o ambiente, pois, a mudança que o indivíduo provoca também provoca nele mudanças, ele transforma o seu meio e pelo meio ele é também transformado (Maturana, 1993). Assim, partindo do pressuposto de que as Relações Internacionais são constituídas de relações entre indivíduos - em diferentes níveis de influência e de força política - e da interação destes com os estados ou com atores de influência transnacional, considera-se plausível que a área da RI seja também impactada pelas complexas transformações ocorridas no ambiente pós-industrial, a partir da década de 1970.

Por isso, os novos paradigmas emergentes daquele período se consolidavam de maneira recíproca entre as transformações sociais, políticas e econômicas, bem como na construção do conhecimento científico. Pois, as interações dos sistemas com o meio provocam a construção de paradigmas que, por sua vez, são constituídos por conceitos fundamentais e por categorias dominantes da inteligibilidade, bem como por relações lógicas (conjunção, disjunção, implicação) entre estes conceitos e categorias. Assim, os paradigmas organizam e controlam todas as percepções, observações e teorias que obedecem ao comando do paradigma vigente (Morin, 2001). E os paradigmas daquele cenário

não demonstravam seguir a linearidade do pensamento cartesiano, mas, pelo contrário, articulavam relações sistêmicas para enxergar as complexidades sociais, políticas e econômicas do cenário que emergia a partir dos anos 70.

O paradigma clássico, da era moderna, estava pautado em uma ciência construída nos princípios da linearidade e da simples causalidade. Morin (2003) sugere, então, que as debilidades do paradigma clássico estão no pensamento da era moderna, que buscava desenvolver uma inteligência mecânica e reducionista, construindo uma percepção compartimentada do mundo. Logo, a complexidade deveria ser evitada, a busca pela compreensão dos fenômenos de forma pragmática era exaltada e, por consequência, os problemas eram fracionados em áreas distintas, visando separar cada parte envolvida nos objetos de estudo.

O pensamento ocidental, influenciado pelos paradigmas clássicos da era moderna, foi construído a partir do pensamento positivista e de um olhar cartesiano que organizam e controlam as percepções, observações e teorias ao comando de um olhar linear e fragmentado (Morin, 2005). Notadamente, tal paradigma não coopera para a compreensão sistêmica de um mundo em desordem e, principalmente, de um cenário complexo tal como o sistema internacional. A busca incessante pela ordem, pela linearidade e pela sequência dos fatos apresentaria limitações na compreensão total de um sistema cuja estrutura e cujas interações entre as partes era regida pela desordem.

O enfraquecimento daquele modelo seria inevitável em um cenário complexo, onde as relações socioculturais, econômicas e políticas são interdependentes e formam um todo, um todo que é tanto superior, quanto inferior à soma das partes (Morin, 2000). Embora o modelo tivesse sua origem nas áreas das ciências exatas e da terra (física e biologia, principalmente), as mudanças no cenário sócio-político-econômico que atravessaram as sociedades ao longo do século XX contribuiriam para que a

complexidade se perpetrasse entre diferentes áreas da ciência. As obras de Morin captaram com precisão o cenário complexo e sistêmico ao qual a sociedade moderna estava submetida no último quartel do século XX.

Não por acaso, as teorias sistêmicas e os estudos acerca do pensamento complexo, enquanto temas de discussões e debates acadêmicos ganharam evidência a partir das décadas 1970 e 80. Décadas de importância histórica para o mundo ocidental quando ocorreram tomadas de decisões políticas e econômicas que provocaram profundas transformações no sistema capitalista. Durante esse período inúmeros eventos, especialmente no campo da economia e da política internacional, provocaram profundas mudanças nos campos de estudos das ciências sociais. A revolução tecnológica, a automação das linhas de produção, os movimentos pós-coloniais, a emergência do modelo de acumulação flexível, a globalização etc, foram exemplos que expressam a dimensão das mudanças deste período.

Portanto, não é exagero dizer que se estabeleceu uma nova configuração social, política e econômica em todo o mundo, onde constituiu-se uma teia de relações entre os componentes de um sistema vivo, cujas condições de sobrevivência de cada integrante desse sistema é a sua autoprodução e reprodução, a partir da perspectiva da complexidade (Morin, 2006). Um mundo onde a adaptação de um ser - ou de um sistema - ao meio em que ele subsiste constitui condições de ordem sistêmica para a existência da própria vida, através de interação do ser com o meio (Maturana & Varela, 2002). Um mundo em que, no cenário global, os integrantes do sistema internacional vêm mostrando capacidade de se transformarem, a partir da ação e da reflexão, a fim de perpetuarem sua sobrevivência nesse sistema.

Ou seja, nesse sistema, os atores cada vez mais se autoproduzem, mas, também criam autorregulações, a fim de garantir a sua sobrevivência a partir da interação regulada com os outros atores. Esse comportamento complexo e sistêmico desencadeia mudanças que afetam a estrutura dos sistemas ao

mesmo tempo em que afeta o meio em que ele subsiste². Portanto, um mundo em que os sujeitos foram afetados pelas mudanças da cultura pós-industrial, mas também foram responsáveis por essas mudanças, alterou as estruturas da economia e da política mundial, impactando diretamente em questões sociais e culturais.

As mudanças foram, conseqüentemente, originadas pelos atores do sistema enquanto, simultaneamente, estes atores tiveram suas ações e no comportamento reinventados dentro do próprio sistema. Tal condição provocou um novo processo de autoreprodução e autoregulação que antes de encontrar o equilíbrio necessita passar pela crise, pela desordem, por irregularidades e desarticulações. Pois, para Morin (2006) o mundo organizado é um sistema de desordem. A desordem, contudo, não implica características negativas no sistema, pois, “a organização de um sistema é a organização da diferença” (Morin, 2006, p. 113). É na desordem, que configura a condição inicial dos sistemas, em se encontra uma propriedade fundamental que caracteriza o processo de organização destes mesmos sistemas: um fluxo contínuo do desequilíbrio, organização, reorganização e equilíbrio, que estabelecem uma relação cíclica na busca por um estado de equilíbrio. Portanto, a intenção de estabelecer constantemente o equilíbrio através da (re)organização do sistema, faz com os sistemas sejam auto-organizadores, operando uma “produção-de-si” e uma “reorganização-de-si” (Morin, 2006, p. 227-288).

² Tais características apresentam similitude com a autopoiese. Os biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela criaram esse termo para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Segundo esta teoria, um ser vivo é um sistema autopoietico, caracterizado como uma rede de interconexões onde os componentes produzem a própria rede de relações e essa rede se ampliam a partir dos componentes que os gera. Assim, a autopoiese e a adaptação de um ser vivo ao seu meio são condições sistêmicas para a vida, de forma que um sistema vivo é também um sistema autônomo que está constantemente se reproduzindo, se autorregulando e mantendo constantes interações com o meio (Maturana, 1997; Maturana e Varela, 2002).

Logo, a desordem também contribuí na reestruturação e na reorganização do sistemas que, por sua vez, constroem relações de diferentes níveis, inclusive, nas questões sociais e nos factos produzidos pelas sociedades (inclui-se aqui assuntos que destinam-se ao campo internacional). Pois, segundo Morin (2006), a complexidade leva à busca pela ordem e pela clareza:

A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza. Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar. (MORIN, 2006, p.13)

A proposta da complexidade é, portanto, a abordagem transdisciplinar dos fenômenos através de uma mudança de paradigma, abandonando o reducionismo - que tem pautado a investigação científica em todos os campos - e adentrando na construção de análises que levem em conta a totalidade dos fenômenos e as diversas variáveis inter-relacionadas que envolvem os campos e os objetos de estudos. Alimentando, assim, a construção do conhecimento sob um enfoque sistêmico, onde a diversidade, a pluralidade e mesmo a incompatibilidade de pensamentos, ideias e análises contribuem para a compreensão da realidade.

Por isso, tal como afirmam Bousquet & Curtis (2011, p. 46), os conceitos associados à complexidade apresentam possibilidades de “reorientar ou refocar os debates dentro da RI”.

Conceitos como a não-linearidade, a ideia dos sistemas abertos, a auto-organização e a emergência são questões que estão intrinsecamente conectadas e que contribuem para a construção do conhecimento científico – nas Relações Internacionais, inclusive – de maneira condizente com a realidade do mundo e dos cenários político, econômico e social das últimas quatro décadas.

Pretende-se, assim, o uso e a aplicação de teorias e ferramentas capazes de organizarem-se de maneira complementar no campo de estudo das RI, apesar das diferenças em suas estruturas analíticas. Por isso, a relevância do novo paradigma sugerido pelo pensamento complexo se mostra pertinente ao olharmos para a complexa relação global entre os diversos atores que constituem o cenário internacional, bem como os novos atores que emergem nas incertezas dos contextos econômicos, políticos e sociais. Também, por isso, a emergência de novas teorias é necessária, pois, o quadro teórico precisa dar conta de conceitos e fundamentos que expliquem cientificamente a realidade que desponta, a cada mudança ocorrida no sistema, a nova realidade de ações e interações entre os atores desse sistema.

As alterações e os desequilíbrios constantes do sistema internacional são consequências de ajustes, de busca pelo equilíbrio e da necessidade de reorganizar a desordem provocada pela autoprodução e autoregulação entre os organismos que constituem as estruturas do sistema. Portanto, sob um olhar sistêmico e complexo, o aparecimento de novas teorias nas ciências sociais e sua absorção pelo campo das relações internacionais seria inevitável quando a ideia de olhar o todo e entender o todo – e não apenas as partes – ganha adesão no cenário científico e epistêmico, a partir da segunda metade do século XX.

3. AS TEORIAS PÓS-POSITIVISTAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

As Relações Internacionais direcionam seus estudos para o cenário internacional que, além de volátil, exige análises constantes dos fenômenos e atores envolvidos nas relações político-econômicas e, por isso, demanda um olhar amplo que compreenda as complexidades das relações interdependentes entre os atores. Além disso, as contingências desse sistema, a dimensão das mudanças e o dinamismo de suas estruturas requerem uma análise baseada em uma abordagem sistêmica que consiga enxergar a interação entre o todo, mas, também efeitos e consequências diversas provocadas pelas interações. Por isso, as teorias pós-positivistas das relações internacionais dão conta de uma lacuna nas análises das RI, visto que um número considerável de estudos e análises da política e da economia internacional foram – e são – construídos a partir de teorias clássicas, marcadamente positivistas e assentadas em metanarrativas.

Apesar do campo das relações internacionais se preocuparem com os relacionamentos entre os Estados no cenário internacional esses relacionamentos não podem ser entendidos isoladamente, pois:

[...] eles estão fortemente conectados com outros atores (como as organizações internacionais, corporações multinacionais, e indivíduos); com outras estruturas sociais (incluindo economia, cultura e política doméstica); e com as influências históricas e geográficas (Goldstein, 1999, p. 3).

E é, portanto, necessário analisar o sistema internacional a partir de olhares transdisciplinares, visto que ele abrange temáticas interconectadas e, até mesmo, interdependentes que coexistem com questões políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais. Logo, olhar para as partes, sem enxergar o todo, ou sem estabelecer a conexão com o todo, relacionando

efeitos e consequências de uma parte sobre a outra, compromete a qualidade das análises do SI.

É importante, ainda, pensar na construção do conhecimento científico sob uma perspectiva pluralista, tendo em vista que essa condição a qual nos referimos não é uma condição simples e pragmática sob a qual a sociedade e suas relações políticas e econômicas se desenvolveram de maneira simples e organizada. Pelo contrário, é uma realidade onde as esferas política, econômica, social e cultural, se entrelaçaram de tal maneira que as decisões de um campo interferem no outro, provocando desordem e conflitos. E, conseqüentemente, a construção do conhecimento nestas áreas demanda uma miscigenação de aportes teóricos que precisam buscar apoio em teorias de outras áreas. Nas Relações Internacionais, por seu caráter multidisciplinar, tal necessidade é ainda mais emergente.

Diante disso, as abordagens pós-positivistas ganharam notoriedade ao se apresentarem compatíveis com a realidade que despontava, nos campos das ciências sociais, no último quarto do século XX. Tanto a abordagem sistêmica quanto o pensamento complexo corroboram com a perspectiva pós-positivista, uma vez que para tais os fenômenos estudados devem ser investigados a partir de sua dinamicidade e não a partir de uma lógica estática ou imutável. Por exemplo, a teoria crítica das relações internacionais foi proposta de forma a estar em "sintonia com seu tempo e se caracteriza por ser interessada na transformação da realidade social", buscando, por isso, "identificar as possibilidades de mudança na realidade observada, analisando tensões e contradições que questionem o equilíbrio de uma certa ordem social" (Nogueira & Messari, 2005, p. 137).

E ao sugerir que "não existe uma política mundial ou uma economia global operando segundo leis sociais imutáveis", mas que "tudo o que é social, inclusive nas relações internacionais, é variável e por isso histórico" (Jackson & Sorensen, 2007), a teoria crítica contribui para uma análise dos temas e assuntos referentes às

RI que corroboram com a abordagem sistêmica e com o paradigma da complexidade. Contrariando, evidentemente, a visão realista do sistema internacional que é fortemente orientada pela lógica positivista e pelo olhar pragmático de questões voltadas à segurança e ao poder militar.

Inúmeros eventos, especialmente a partir dos anos 70, tais como a crise do petróleo, a internacionalização do capital, a terceira revolução industrial, o crescimento de multinacionais e de atores transnacionais, além de processos de descolonização e o conseqüente surgimento de novos Estados no sistema internacional, despertaram o surgimento de novas abordagens e teorias nas relações internacionais. Teorias que dessem conta da complexidade de novos temas e agendas que surgiam na política internacional e, mais ainda, teorias que fossem capazes de inferir as interconexões existentes entre os eventos e as diversas áreas abordadas pelas RI.

Há que se considerar também que, após estes acontecimentos nos anos 70, nas décadas seguintes, entre 1980 e 1990, ocorrem novos eventos que aumentam a importância das teorias pós-positivistas e sua intenção de explicar de maneira sistêmica os acontecimentos que eclodiam globalmente no final do século passado. A queda do Muro de Berlim e a dissolução da URSS, por exemplo, não foram contemplados previamente pelas teorias positivistas. Ao que parece, pela própria limitação da lógica positivista - com sua percepção cartesiana -, em meio a estes eventos, o realismo manteve seu foco nos dois principais aspectos discutidos pelos realistas (segurança e poder). E, assim, as teorias clássicas não foram capazes nem de prever os acontecimentos dos últimos 30 anos de século XX e tão pouco foram capazes de estabelecer relações e interconexões entre todos aqueles eventos, ficando também incapacitados de analisar de maneira complexa e sistêmica as condições daquele cenário. Por isso, concordo com Jackson & Nexon (2013, p. 544) de que nenhuma das teorias clássicas das Relações Internacionais “provide an adequate framework for evaluating the state of IR theory”.

A não previsão daqueles factos ou, ainda, a ausência de análises que enxergassem as complexas interconexões entre os fenômenos, foi, em certa medida, decorrência das teorias dominantes da época, cujo objetivo estava na análise de fatores tangíveis, segundo a perspectiva cartesianas e lineares defendidas pelo positivismo. Pois, este constituía a base epistemológica das teorias predominantes das RI. Dunne, Hansen & Wight (2013, p. 412) apontam que com o fim da Guerra Fria a disciplina das Relações Internacionais “was forced to seriously consider these new theories in the context of major, and unexpected, changes in the international system”. E Jackson & Nexon (2013, p. 544) consideram que as teorias das Relações Internacionais devem ser entendidas como “(social-)scientific claims about the ontology of world politics, including its actors, proper units of analysis, and how such elements fit together” e que envolvem tanto esquemas muito amplos da política internacional quanto relações entre proponentes muito específicos.

Além disso, as transformações sociais e econômicas das décadas de 70 e 80 estiveram cercadas por fatores intangíveis e que, evidentemente, não seriam contemplados pelas forças positivistas das teorias tradicionais das relações internacionais. Paralelamente àquelas transformações, as ciências sociais vinham construindo teorias, no campo da sociologia e da ciência política, que buscavam explicar a sociedade, a política e a economia a partir do comportamento humano e das interações sociais em um cenário complexo, fragmentado e agravado pelas relações de ordem sistêmica entre esses campos (social, econômico e político).

Portanto, a partir do último quarto do século XX os cientistas sociais propuseram teorias que visavam analisar os fenômenos de um período marcadamente turbulento e incerto que se iniciara com eventos diversos e de ordem global, tais como a crise do petróleo, os movimentos de independência de colônias, a revolução tecnológica, e seguia ao longo dos anos seguintes com a virada linguística, o pós-industrialismo, o enfraquecimento da

União Soviética etc. Não cabe aqui citar todos os eventos que transcorreram no campo das Relações Internacionais a partir dos anos 70, pois diversos foram os acontecimentos que afetaram o cenário (social, político e econômico) daquele período. O que importa no contexto deste artigo é chamar a atenção para o facto daquelas ocorrências terem sido de complexa análise e compreensão, e, por isso, demandavam um olhar sistêmico, a fim de que estabelecesse as interconexões entre questões que transcendiam a política e percorriam também problemáticas sociais, culturais e econômicas. Logo, diante da realidade que se apresentava no sistema internacional, a busca por respostas complexas para situações também complexas conduziu as teorias pós-positivistas, no campo das relações internacionais, à um novo patamar de importância nos aportes teóricos das RI.

Ademais, a ciência pós-moderna vem sendo construída por uma diversidade teórica que, gradualmente, vem ocupando condição inerente à construção do conhecimento científico. E tal condição conduz a uma percepção pluralista da ciência que segundo Feyerabend (1988, apud Dunne, Hansen & Wight, 2013) é uma condição importante para o crescimento do conhecimento. Por isso, a pluralidade conduz a ciência através de diferentes perspectivas, onde a unidade não é nem possível nem desejável, pois, a realidade do mundo contemporâneo é multifacetada e complexa. E, portanto, somente o pluralismo - como um fim e não como meio - pode progredir substancialmente em termos de conhecimento (Dunne, Hansen e Wight, 2013).

Segundo Rodrigues (2012, p.10):

[...] para estudar as relações internacionais, é preciso assumir que existe uma multiplicidade de agentes, forças em luta, interesses em confronto e em cooperação, numa dinâmica ininterrupta. Tãmanha

intensidade de acontecimentos vem exigindo grande agilidade na análise e a capacidade de questionar antigas teorias que parecem não mais dar conta de uma realidade internacional sempre em curso e de processos inconclusos. Assim, a análise das relações internacionais exige atenção ao novo e disposição para não aceitar facilmente conceitos e explicações.

Logo, os diversos conceitos daquelas teorias sociais incorporadas no campo das RI se mostraram profícuas para a construção das análises e investigações que seriam desenvolvidas na complexidade daquele cenário. As teorias pós-positivistas, através das teorias pós-moderna, pós-estruturalista, teoria crítica, construtivismo, feminismo e pós-colonialismo, buscam lidar com questões culturais, sociais e identitárias, relacionando-as ao campo das RI. Apesar de diferentes focos entre as teorias pós-positivistas todas se agrupam sob os mesmos propósitos: a negação ao positivismo, às metanarrativas, à racionalidade metodológica e ao reducionismo dos fatos que constituem o mundo social.

As abordagens teóricas até então predominantes nas Relações Internacionais se concentravam exclusivamente em determinados aspectos que rodeavam todo o debate da política internacional, mas, ao ficar tão limitados em determinados campos ficavam também impossibilitados de contemplar um universo muito mais amplo que estava a construir o cenário internacional. A linearidade do pensamento científico que conduzia as Relações Internacionais era tão intenso que até mesmo as teorias que nas ciências sociais eram tidas como teorias críticas e que costumavam criticar as abordagens positivistas, ao adentrarem no campo da RIs tais teorias assumiam um caráter pragmático e um olhar linear, tal como a abordagem marxista. Walt (1998, p. 32) sugere que o “o marxismo era a principal alternativa às tradições realistas e liberais dominantes”. No entanto, conforme essa abordagem esteve a percorrer os caminhos da investigação em RI, ela foi construindo metanarrativas excessivamente pragmáticas e incapazes de

investigar de maneira ampla e complexa certos fenômenos cujas causas e efeitos não apresentam linearidade, ou ainda, emergiam de uma diversidade de ocorrências que transcorriam questões sociais e econômicas, para além das políticas.

Até mesmo o fim da estrutura de um sistema internacional bipolar, que se tornou unipolar, e depois se consolidou de maneira multipolar, contribuiu para agravar a complexidade e intensificar as interconexões entre os atores. As relações entre eles estão intrinsecamente constituídas, porém, não são apenas entre Estados, mas também entre atores transnacionais, grandes corporações, organizações não governamentais, atores não-estatais e sob diversos pontos de interesse. Ou seja, o protagonismo desses atores não se restringe à questões de segurança e interesses políticos, mas, se cercadas de aspectos sociais, culturais, ideológicos, comerciais etc. E, mais uma vez, tem-se, notadamente, a presença de muitos atores e de muitos assuntos que extrapolam os limites propostos pelas análises positivistas.

As teorias clássicas das RIs nasceram em um contexto em toda essa diversidade de temáticas e complexidade de assuntos e suas inter-relações não existiam. Logo, suas ênfases eram simplistas se comparadas com os desafios que os estudos das Relações Internacionais enfrentam no século XXI. Walt (1998, p. 30) define quão simples e objetivo é cada umas das abordagens clássicas das RIs:

Realism emphasizes the enduring propensity for conflict between states; liberalism identifies several ways to mitigate these conflictive tendencies; and the radical tradition describes how the entire system of state relations might be transformed. The boundaries between these traditions are somewhat fuzzy and a number of important works do not fit neatly into any of them.

A abordagem construtivista das Relações internacionais, por exemplo, abala a percepção que se tinha até então a respeito dos Estados – considerados, ao longo do

desenvolvimento das teorias clássicas das RI os principais atores internacionais. O construtivismo considera que o contexto e a convivência social modificam os agentes de tal forma que Estados não podem ser tidos como verdades exógenas. Logo, valores, preceitos e ideias apresentam papel fundamental tanto na constituição da realidade e dos agentes, quanto na definição de identidades e interesses. Tal condição de mostra relevante no atual cenário internacional, uma vez que os assuntos que perpassam pelas interações entre os atores são inúmeros, tais como – além das temáticas militares e bélicas - integração entre países, questões ambientais e energéticas, tráfico internacional (humano, armas, drogas), comércio mundial, migrações forçadas, transformações de processos produtivos e alterações nos fluxos de capital, terrorismo, direitos humanos etc.

Além disso, a velocidade e a intensidade nas comunicações, facilitada pela microeletrônica - oriunda da Revolução Tecnológica -, aproximou indivíduos, mercados e sociedades cooperando para a fusão de ideias e valores até então geograficamente distantes e que contribuiram, por sua vez, para a formulações de culturas e identidades um tanto quanto paradoxais. Enquanto propaga-se a proximidade de diferentes culturas sob a bandeira da pluralidade e apoio à diversidade, paralelamente, fortalecem-se movimentos étnicos e religiosos que defendem a superioridade de etnias e a valorização de culturas nacionais.

Em meio a este cenário as Relações Internacionais não podem mais ser pensadas, exclusivamente, a partir das relações de poder e entre os Estados, tal como preconizava o Realismo. Walt (1998, p. 31) aponta que os primeiros teóricos do realismo “believed that states, like human beings, had an innate desire to dominate others, which led them to fight wars”. Se essa condição era uma verdade na política internacional, ela certamente o foi no período entre guerras e durante a guerra fria. No entanto, a multiplicidade infindável de atores na nova ordem global, que promovem constante interação e inter-relações cujas atividades tem

tido responsável pelas transformações da ordem internacional, precisam ser levados em conta no século XXI. Pois, as mudanças não têm ocorrido, unicamente, a partir de perspectivas políticas, mas, a partir de questões sociais, culturais, religiosas e ideológicas e tem migrado com rapidez da esfera nacional para a internacional, globalizando suas problemáticas - bem como seus efeitos e consequências.

A participação dos envolvidos nas questões políticas e econômicas não ocorre mais na ordem *top-down*, lideradas exclusivamente pela vontade dos Estados. As transformações em todo o sistema também não são mais lideradas por um quadro de atores exclusivos que compõem o sistema. Mas, toda a comunidade internacional e todas as sociedades que extrapolam questões domésticas para o campo internacional tem levado suas demandas para além de suas fronteiras nacionais, tornando suas causas e lutas globais e, assim, afetando a lógica desse sistema internacional. E as teorias pós-positivistas se depararam com aspectos estruturais que as qualificaram para trazer seu olhar não linear como condições essencial para compreender e analisar a nova e complexa realidade que vem constituindo a política, a economia e a sociedade do século XXI.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a dinâmica dos movimentos causados pelos diversos atores e os resultados das suas ações em um espaço global e complexo requer um novo olhar, um olhar que consiga compreender os fenômenos desconexos e fragmentados que caracterizam o sistema internacional contemporâneo. Atores diversos exercem efeitos também diversos na ordem internacional. Consequências econômicas, sociais, políticas e culturais, provocam transformações complexas que afetam sociedade, estruturas políticas, relações de produção e consumo etc, em todo o globo. Um olhar que enxergue sistemicamente essas relações sob uma

perspectiva complexa, a partir de um novo paradigma, levando em conta as influências de outras áreas do conhecimento, é uma necessidade primordial para as análises e investigações que buscam compreender a realidade do sistema internacional no século XXI.

Um sistema que se constituiu sob a égide da multipolaridade pode apresentar desordem na sua configuração e na sua estrutura. Contudo, tal como propõe o paradigma da complexidade, há uma interminável concorrência entre a ordem e a desordem, de maneira que tal condição apresenta-se favorável para a construção da organização e da clareza necessárias para a constituição de pesquisas e investigações analíticas do cenário internacional. Enquanto ambos competem – ordem e desordem – busca-se entender a realidade do cenário e do contexto atual. As Relações Internacionais, ao serem estudadas pela ótica pós-positivista, pode elucidar sob uma perspectiva sistêmica os problemas - e suas causas -, bem como perceber consequências em uma dinâmica que não seria perceptível sob o olhar positivista.

Nessa disputa constante entre a ordem (que busca organizar, clarificar e entender) e a desordem (que complexifica, dificulta e ameaça a ordem vigente) surge, gradualmente, uma nova realidade no sistema internacional. Um sistema que está constituído por um emaranhado de relações interconexas, entre atores diversos e a partir múltiplos temas e assuntos. Muito além dos aspectos de ordem política, os interesses econômicos e os sociais também devem ser considerados em um elevado grau de importância nas RI. Os debates extrapolam as delimitações do papel do Estado e do jogo de interesses políticos e relações de poder, assumindo formas internacionalizadas de questões sociais, culturais e identitárias.

Toda essa nova configuração do sistema internacional é um desafio para o campo da RI enquanto campo científico. É um desafio para os analistas, pesquisadores, estudantes e profissionais da área. Mas, justamente na busca por respostas para problemas complexos novas teorias surgiram, em um contexto também complexo e que exigiu uma abordagem não linear das causas e

consequências dos fenômenos que marcaram o mundo a partir da década de 1970. Paralelamente aos aspectos políticos que colidiam entre as potências daquele período e suas zonas de influência, uma série de outros assuntos emergiam e se internacionalizavam, ora como consequência das questões políticas, ora influenciando tais questões. A definição de interesses e ações dos atores, a partir de temas sociais, originários de situações de esferas domésticas, trouxeram aos fenômenos internacionais aspectos mais complexos na interação fomentada pela internacionalização de culturas, de ideias e de valores. E as teorias pós-positivistas emergiram não apenas para auxiliar na explicação e nas análises dos fenômenos deste novo cenário, mas também para contribuir com um novo olhar sobre o sistema internacional. Um olhar que, a partir dessas teorias, enxergue o todo, a integração das partes dos sistemas e suas interconexões nas causas e efeitos da complexa realidade que vem construindo o sistema internacional desde o último quarto século XX.

REFERÊNCIAS

BOUSQUET, Antoine. CURTIS, Simon. Beyond models and metaphors: complexity theory, systems thinking and international relations. *Cambridge Review of International Affairs*, Volume 24, Number 1, March 2011. Centre of International Studies DOI: 10.1080/09557571.2011.558054

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eicheemberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, F. *Complexity and Life*. In: CAPRA, F. et al (Eds). *Reframing Complexity; Perspectives from the North and South*. Mansfield, MA: ISCE Publishing, 2007. pp. 4-25.

DEVIN, Guillaume. *Sociologia Das Relações Internacionais*. Salvador: Edufba, 2010.

DUNNE, Tim. HANSEN, Lene. WIGHT, Colin. 2013. The end of International Relations theory? *European Journal of International Relations*, 19(3): 405-425.

GOLDSTEIN, Joshua S. *International Relations*. New York: Longman, 1999. p. 3.

JACKSON, Patrick T. NEXON, Daniel. 2013. International theory in a post-paradigmatic era: From substantive wagers to scientific ontologies. *European Journal of International Relations*, 19(3): 543-565.

JACKSON, Robert. SORENSEN, Georg. *Introdução Às Relações Internacionais. Teorias E Abordagens*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

KEOHANE, Robert. NYE, Joseph. Power and Interdependence. *International Organization*, Vol. 41, No. 4 (Autumn, 1987), pp. 725-753. Published by: The MIT Press Stable. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2706764>.

MATURANA, Humberto. Uma nova concepção de aprendizagem. *Dois Pontos*, Belo Horizonte, v. 2, n.15, p. 28-35, jan./jul. 1993.

MATURANA, H. R.; VARELA F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MORIN, E. *O Método 2; a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MORIN, E. O Método 1; a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2^a. ed, 2003.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (org.), Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NOGUEIRA, João Pontes. MESSARI, Nizar. Teorias de Relações Internacionais: Correntes e Debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

WALT, Stephen. International Relations: One World, Many Theories. Foreign Policy, No. 110, Special Edition: Frontiers of Knowledge, 1998.

RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. Relações internacionais. Departamento de Ciências da Administração / UFSC. Brasília: CAPES/UAB, 2012.

TOFFLER, Alvin. A Terceira Onda. Rio de Janeiro: Record, 1995.